

PESQUISA MOSTRA QUE CELULAR NÃO CAUSA CÂNCER

Fonte: www.estadao.com.br

Dinamarqueses acompanharam 420 mil pessoas para estudar efeitos da radiação.

Dois estudos publicados na Europa prometem dar um pouco de tranquilidade para quem tem telefone celular. Uma pesquisa com 420 mil pessoas na Dinamarca concluiu que a radiação dos aparelhos não causa câncer no cérebro ou leucemia. Ao mesmo tempo, um grupo de especialistas na França avaliou 946 publicações sobre o assunto e também comprovou que os celulares não estão ligados à formação de tumores.

"Não descobrimos nenhuma evidência de riscos graves", disse John Boice, do Instituto de Epidemiologia Internacional e co-autor do estudo dinamarquês. A pesquisa é a maior já realizada, mas não coloca um ponto final no debate, pois os participantes não utilizaram os celulares por mais de dez anos, período necessário para o desenvolvimento de um tumor cerebral. A maioria usa o aparelho há três anos, embora alguns pesquisados tenham celulares há 15. Segundo os especialistas, a quantidade de radiação em microondas emitida é insuficiente para romper as ligações químicas do DNA e provocar a formação de tumores.

Os resultados fortalecem a posição de muitos especialistas de que os celulares são aparelhos seguros. O diretor-executivo da Associação Brasileira de Compatibilidade Eletromagnética (Abricem), garante que os celulares não oferecem perigo, desde que estejam em perfeitas condições. "Se os níveis de radiação estiverem abaixo dos limites, não há problema", afirmou.

A Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) informou que todos os celulares comercializados no País atendem aos padrões internacionais de segurança. De acordo com as diretrizes da Comissão Internacional para Proteção contra Radiações não Ionizantes (ICNIRP), o nível máximo de emissão de radiação por celulares na área da cabeça é de 2 watts por quilograma do usuário.

Precaução - "Este estudo não deve ser encarado como uma resposta definitiva" indicou o professor Henry Lai, da Universidade de Washington, cujo laboratório foi o primeiro a soar o alarme sobre os efeitos negativos do campo eletromagnético dos celulares. "A grande questão ainda é o que pode ocorrer a longo prazo", aponta o engenheiro Julio Carlos Teixeira, do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo. (Herton Escobar, com AP e AFP).